



## ENCONTRO DE CÚPULA

# Xi afina o tom da relação

Brendan Smialowski/AFP



O presidente dos EUA assiste ao discurso do anfitrião no jantar de gala: chamado à parceria e advertências

Entre amabilidades e honrarias, presidente chinês apresenta ao mundo uma potência em ascensão, que recebe Donald Trump de igual para igual. E avisa: um desliz em Taiwan pode colocar Washington e Pequim em conflito

» SILVIO QUEIROZ

Donald Trump embarca hoje de volta para os Estados Unidos ao fim de dois dias de uma visita de Estado em que foi recebido na China com cerimonial requintado e amabilidades retóricas, mas leva na bagagem duas ordens de mensagens entregues em público pelo colega Xi Jinping. No terreno das aparências e formalidades, o anfitrião esmerou-se em apresentar ao mundo a imagem do encontro entre duas potências mundiais em condição de igualdade. Mais diretamente, advertiu o visitante de que não aceita interferências externas a respeito de Taiwan, que o regime comunista de Pequim considera parte inalienável do país, e um tratamento inadequado para o impasse pode colocar os dois países "em conflito".

Um encontro para o chá, seguido por almoço no complexo reservado à alta cúpula do Partido Comunista, honraria reservada a bem poucos chefes de Estado, encerrou na manhã de hoje (noite de ontem, em Brasília) a agenda entre Trump e Xi. Na noite anterior (manhã de ontem, em Brasília), o presidente chinês se alternou entre afagos e advertências no jantar de gala oferecido ao colega norte-americano.

"Ambos acreditamos que a relação entre China e Estados Unidos é a mais importante relação bilateral do mundo", discursou o anfitrião no brinde com o qual abriu a solenidade. "Devemos fazer com que ela funcione, e nunca atrapalhar



**Taiwan é o tema mais importante entre nós. Se for mal conduzido, as duas nações podem ter um choque, ou mesmo entrar em conflito"**

**Xi Jinping**, presidente da China

seu andamento", observou. Adiante, Xi não se furtou a ressaltar o lugar ocupado por Taiwan, que desde a vitória comunista na guerra civil, em 1949, é governada por dissidentes e conta com apoio dos EUA. "É

### Três perguntas para

**ROBERTO GOULART MENEZES**, PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNB

#### Pode-se dizer que a China trata a visita de Trump de maneira a apresentar-se como uma potência mundial de primeira classe?

Não diria que o presidente Xi Jinping usaria uma visita de Trump, em sua própria casa, para se apresentar como uma potência global. Isso acirrar a disputa entre eles, além de aticar os EUA na sua cruzada anti-China. Creio que, na disputa comercial de 2025, Xi marcou a posição da China de que não aceita as arbitrariedades dos EUA.

#### Em que medida se pode considerar a gravidade da advertência pública feita aos EUA sobre a Taiwan?

A China nunca aceitou discutir o status de Taiwan senão como uma ilha rebelde. Mas o fato é que, nos últimos 20 anos, a China conquistou um aparato de defesa que impõe dissuasão a qualquer tentativa de independência de Taiwan. Xi reafirmou aos EUA que a independência da ilha é inegociável.

#### Deve-se esperar, como saldo dessa cúpula, algum tipo de declaração conjunta mais abrangente sobre comércio e novas tecnologias?

A primeira vez que Trump se reuniu com Xi foi em 2017. De lá para cá, muita coisa mudou. Trump dá continuidade à política dos EUA de bloquear ou retardar a liderança tecnológica chinesa. Assim, o que Xi busca é assegurar que o acerto da disputa entre China e EUA não saia dos trilhos.

o tema mais importante entre nós. Se for mal conduzido, as duas nações podem ter um choque, ou mesmo entrar em conflito, o que nos empurraria para uma situação muito perigosa."

### Novo patamar

"O encontro de Pequim parece, mais do que um recomeço total, a tentativa de criar um novo sistema operacional para uma coexistência competitiva", disse ao **Correio** Jing Qian, cofundador do Centro para Análise sobre a China, ligado ao think tank Asia Society. "O ponto importante é que as leituras de uns e outros usam linguagens políticas muito distintas, mas não apontam para direções completamente opostas." Wenran Jiang, professor da

Universidade de Alberta, no Canadá e conselheiro do Instituto para Paz e Diplomacia, associa o tom de cada um dos presidentes — com Trump limitando-se a exaltar a "grandeza" da China e a "liderança" de Xi — ao impasse da Casa Branca na guerra que iniciou contra o Irã, hoje aliado de peso para Pequim. "Nos últimos meses, o tabuleiro da geopolítica oscilou de maneira dramática", analisa. "Pela primeira vez em décadas, são os EUA que se veem em posição profundamente vulnerável, de crescente dependência em relação à ajuda da China para sair de um desastre em que se meteram sozinhos."

"Os EUA não conseguiram até o momento atingir os seus objetivos na guerra do Irã", concorda o professor de relações internacionais da UnB Roberto Goulart

Menezes, doutor em ciência política. Ele lembra que a China, ao contrário dos EUA, tem interesse na solução do conflito, em particular no fim do bloqueio no Estreito de Ormuz, vital para seu suprimento de petróleo. "Daí que Trump pede a Xi que pressione o regime iraniano para abrir totalmente o estreito. O fato é que a China não quer se envolver na questão para impor uma derrota ao Irã."

John Delury, pesquisador senior para relações EUA-China no Asia Society, classifica as cenas e palavras da visita de Trump Pequim como "uma mudança histórica". "A ascensão inevitável da China a uma posição na qual rivaliza de maneira legítima com os EUA é algo que está se desenrolando diante dos nossos olhos", ressalta. "Hoje, Pequim é a segunda capital do mundo."

### Agenda econômica

Em contraste com as advertências sobre Taiwan e as reticências sobre o Irã, o presidente reservou, além das amabilidades, palavras positivas no terreno econômico e comercial, sob o lema de "estabilidade estratégica construtiva". "A mensagem é clara: da perspectiva de Pequim, EUA e China podem desfrutar de relações mais amenas desde que a questão de Taiwan não pressione", diz Wendy Cutler, que já exerceu interinamente o posto de Representante Comercial da Casa Branca. "Não é surpresa que o presidente Trump não tenha mencionado o assunto em seu brinde, no jantar de gala", observa. "Em vez disso, colocou o foco no acesso a mercados, investimentos e o interesse comum no Estreito de Ormuz."

## REINO UNIDO

# Secretário de Saúde renuncia para disputar cargo de Starmer

» RODRIGO CRAVEIRO

O trabalhista Wes Streeting, secretário de Saúde britânico, anunciou a renúncia e abriu caminho para desafiar o primeiro-ministro e líder trabalhista Keir Starmer no comando do partido e do Reino Unido. Imerso em uma crise de credibilidade dentro da legenda, depois de revés histórico nas eleições locais e regionais de 7 de maio, Starmer está com o cargo por um fio. Na carta de demissão, Streeting admitiu que "perdeu a confiança" na liderança do premiê. "É evidente que você não liderará o Partido Trabalhista nas próximas eleições parlamentares", previstas para 2029, disse Streeting. O agora ex-titular da Saúde cobrou "visão" para o Partido Trabalhista e denunciou um "vácuo" de poder.

Streeting também defendeu "amplo debate, apoiado pela maior variedade possível de candidatos", a fim de assegurar o futuro do Partido Trabalhista. Apesar de o secretário demissionário não ter postulado seu nome para concorrer à liderança da legenda, a renúncia de Streeting intensifica a pressão sobre o primeiro-ministro. Ao menos 86 deputados trabalhistas, dos 403 que o partido detém no Parlamento (de um total de 650 eleitos), pediram sua renúncia. O lançamento de uma campanha para substituir Starmer exige o apoio de 81 parlamentares, ou 20% dos integrantes do Partido Trabalhista.

As especulações para a sucessão na 10 Downing Street começaram. Além de Streeting, outros potenciais nomes são o

Brook Mitchell/AFP



Wes Streeting deixa a residência oficial de Starmer, em Downing Street: críticas à atuação do primeiro-ministro trabalhista

de Angela Rayner — ex-braço direito de Starmer e popular entre a ala esquerda do partido — e o de Andy Burnham, prefeito da Grande Manchester. A trajetória de Burnham, no entanto, parece mais complicada: ele precisaria ser eleito deputado em Westminster, antes de participar do desafio a Starmer.

De acordo com Tim Bale, professor de

política da Queen Mary University of London, o Partido Trabalhista sofreu perdas catastróficas nas eleições municipais da Inglaterra na semana passada, assim como nas eleições legislativas na Escócia e no País de Gales. "As pesquisas de opinião confirmaram as projeções que mostram o partido com menos de 20% das intenções de voto e Keir Starmer como um dos

primeiros-ministros mais impopulares da história do país. Os parlamentares trabalhistas estão — compreensivelmente — em pânico", afirmou ao **Correio**.

Bale acredita que é questão de tempo antes que Starmer seja desafiado e substituído por outro trabalhista. "É improvável que dure mais do que alguns meses. Especialmente agora que o favorito para

### Eu acho...

Arquivo pessoal



"Keir Starmer é um comunicador muito ruim e carece da visão, da iniciativa e das habilidades de gestão de pessoas necessárias para o cargo. Também não ajuda o fato de a economia continuar apresentando um desempenho bastante fraco, o custo de vida ainda ser alto e a migração irregular através do Canal da Mancha entre a França e o Reino Unido continuar em ritmo acelerado."

**Tim Bale**, professor de política da Queen Mary University of London

assumir o cargo — ou seja, o prefeito de Manchester, Andy Burnham — parece que poderá se tornar deputado novamente em breve", comentou. "A renúncia do secretário de Saúde, Wes Streeting, provavelmente dará início a uma longa disputa. No entanto, é improvável que Streeting, mesmo que entre nela, consiga vencer. Burnham é muito mais popular."